

Dom.

13/4/86

# OS INFILTRADOS NÃO TÊM NOMES?

A insistência com que têm vindo ultimamente a lume vigorosas declarações sobre a existência de infiltrados no seio dos aparelhos do Partido e do Estado e em outros sectores específicos de actividade nacional leva o País a pensar muito seriamente sobre a presente conjuntura política.

Não pomos dúvidas e nem sequer tentamos contrariar a ideia de que há infiltração. Da nossa experiência de dezenas de anos de luta, aprendemos que o inimigo se infiltra nas nossas fileiras, às vezes a partir das nossas próprias fileiras, camuflando-se com atitudes e actuações adaptáveis a cada fase. Basta fazer de novo uma leitura à obra «Como age o inimigo», para compreendermos a dimensão da infiltração e do perigo que atravessamos.

Hoje, o País atravessa uma fase de luta de classes muito acentuada, mesmo até vio'enta. Mas, na essência, o facto não é novo e nem é pela primeira vez que se fazem declarações de maneira tão vigorosa e sonora sobre a existência dos infiltrados.

O que, contudo, não constitui nossa tradição é o facto de as declarações apenas se circunscreverem a uma generalidade, sem serem objectivas. Por outras palavras, apenas se fala de infiltrados, mas não se diz nem se apresentam os nomes desses infiltrados. A omissão da identidade dos infiltrados pode ser um acto prejudicial. Pode ser um acto que traz o reverso da medalha nos objectivos que se pretendem atingir, que é a limpeza da carga impura que transportamos.

A questão que se coloca hoje é se os infiltrados já não têm nomes, se não têm identificação. Mais: não se actua em função dos princípios políticos e morais. Se um indivíduo é um infiltrado deve ser denunciado, reunindo-se todas as provas para que o seu processo seja conduzido a tribunal para julgamento.

Do silêncio que se tem mantido em torno desta questão pode depender um raciocínio natural e lógico de compromissos entre pessoas comodamente instalados num país em guerra, num país onde certos indivíduos — como se tem dito — estão a enriquecer à custa da guerra.

Por isso, é fundamental deixar de fazer simples declarações sobre a existência de infiltrados e passar a apontar correctamente quem são os infiltrados. A simples denúncia é necessária, mas ela nunca foi capaz de desalojar por si só o mais pequeno dos infiltrados, se a forma de actuar não for correctamente conduzida.

A nossa experiência ensina-nos que é mais perigosa a coexistência com «inimigos anónimos» do que com aqueles devidamente identificados. Por isso é preciso coragem, é preciso romper com compromissos, é preciso haver uma ruptura.